



Crônica da Cidade

ADSON BOAVENTURA | adsonboaventura.df@dabr.com.br

(cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

Na cama com o Ozzy

Acordei com Brenda perguntando sobre os gritinhos que vinham da cama. Meio sonolento, não entendi muito bem o que estava acontecendo. "Aqui, ó. Chega mais perto, tenta escutar. Te juro, eu não estou louca. Ouve isso. O colchão está falando com a gente", ela insistia.

Eu não dava muita bola, tentava voltar ao sono de um sábado sem trabalho. Porém, comecei a escutar o mesmo barulho, enquanto minha noiva passava a mão na lateral da cama, do lado onde fica a janela, que estava aberta desde a noite anterior. "Que textura diferente, meio peludinha. E esse barulhinho. Meu Deus, estou ficando louca?", repetia

Brenda, na tentativa de entender o que acontecia com o colchão.

O sono já havia passado e resolvi levantar para ver o que era. Afastei um pouco a cama da parede, e lá estava o ser humaninho, grudado no colchão, de cabeça para baixo. Logo abaixo dele, no piso do quarto, havia um monte de pontinhos pretos (o cocôzinho dele, pensei). Havia ficado tanto estressado que teve uma diarreia, tentei entender).

Acho que foi amor à primeira vista. Aquele bichinho assustado, tão inseguro, cagando na própria cabeça. Tadin... De pronto, decidi batizá-lo de Ozzy, nome do vocalista da lendária banda de heavy metal Black Sabbath.

Lembrei de uma conversa no grupo de WhatsApp dos moradores do condomínio onde moro. Há alguns meses, eles relataram o surgimento de filhotes de morcego nos apartamentos. Assustados e sem saber o que fazer, alguns vizinhos acabaram

matando os bichinhos. Até a aparição de um deles no meu quarto, eu também não sabia como proceder. Mas, se pesquisarem na internet, saberão que o manuseio com a espécie não é como o de um inseto; o aconselhável é entrar em contato com a Zoonoses para remover o animal. E matá-lo é crime ambiental, caros vizinhos.

Brenda, que no início suspeitava estar ouvindo barulhos imaginários da cama e surtando, ficou realmente doída (de medo) quando eu falei que a coisinha peluda que ela acariciava, sem ver, não era uma parte da cama, mas sim um filhote de morcego. Sem saber como removê-lo do quarto, e tendo que lidar com o nervosismo da minha companheira, fui até a cozinha pegar uma sacola plástica para tentar capturar o Ozzy.

A primeira tentativa não deu certo, e ele resolveu subir da lateral da cama para a superfície dela, onde começou a correr pelo lençol e travesseiro. Brenda

gritava: "troquei os lençóis ontem, meu Deus, que nojo. Pega logo ele, Adson. Pare de rir, ele não é seu bicho de estimação".

Eu tentava, meio que sem querer, prender o Ozzy na minha cama. Pequeno e ágil, ele se safava de todas minhas investidas. Com o celular, Brenda começou a filmar todas minhas tentativas frustradas de capturá-lo. Ele correu a cama de ponta a ponta, e, como um avião a decolar, bateu as asinhas quando o colchão acabou, mas foi direto ao chão. Foi quando consegui pegá-lo, bem de leve (para não machucá-lo), com a mão coberta pela sacola. Rapidamente, o joguei pela janela, de onde ele tinha entrado.

Por dias, fiquei me perguntando se ele havia conseguido sobreviver ao voo forçado. Brenda me acalmou com o argumento de que, se ele havia voado até nossa janela, no quinto andar, conseguiria voar novamente na partida, ainda que repentina. No mesmo dia, comecei

a pesquisar na internet se era possível criar morcegos. Nas redes sociais, postei fotos do Ozzy em nossa cama.

Fiquei triste com a partida dele, e até hoje me questiono se ele ainda está vivo. De vez em quando, escuto da janela o barulho de algum morcego em pleno voo. Seria algum parente do Ozzy? Ou ele próprio? Sei que ele deixou saudades (ao menos em mim). Acho que preciso de um pet. Brenda disse que vai trazer o Ziggy, um bulldog francês que vive com a mãe dela, para morar conosco. Vamos ver se dará certo. Espero que Ziggy (eu o chamo de Winston Churchill) não mate Ozzy, caso ele resolva pousar novamente por aqui.

PS: Diferentemente do que informou a crônica *O presente de Dad*, de Severino Francisco, publicada no último sábado, o lançamento do livro *As maravilhas de Brasília* será hoje, das 16h às 18h, na banca da Conceição (308 Sul), e não no domingo.

CRIME / Wanderson Mota Protácio, 21 anos, acusado de matar três pessoas em Corumbá de Goiás no último domingo, segue foragido. Forças de segurança entram no sexto dia de buscas pelo suspeito

Polícia intensifica buscas

» EDIS HENRIQUE PERES

As buscas por Wanderson Mota Protácio, 21 anos, entram pelo sexto dia consecutivo hoje. Policiais militares e civis de Goiás trabalham para encontrar o criminoso acusado de matar a namorada grávida de quatro meses, a enteada, de 2 anos e 9 meses, e um fazendeiro, 73, em Corumbá de Goiás, no último domingo. A suspeita é de que Wanderson esteja na região de Mocambinho, distrito de Gameleira, a aproximadamente 56km de Abadiânia (GO). A partir de relatos de testemunhas, as equipes das forças de segurança têm delimitado cada vez mais a área de buscas para prendê-lo o mais rápido possível.

Na manhã de ontem, Wanderson foi visto em uma fazenda na região rural de Mocambinho. De acordo com João dos Reis, 67, proprietário do local, o foragido chegou a pedir emprego a três funcionários que estavam trabalhando na estufa de pimentão da propriedade. "Ele (Wanderson) queria entrar por um buraco que tem na estufa, não aceitava entrar pela frente. Os meninos desconfiaram que ele podia estar armado, mas não viram nada. É de desconfiar porque essa noite os cachorros estavam agitados e latiram muito", conta.

Quando um dos funcionários saiu para chamar o gerente, Wanderson correu para o meio da vegetação. "A gente ligou para a polícia, avisamos para os vizinhos e nos reunimos aqui perto dos cachorros, para ele não ter chance de fazer nenhum refém", conta o proprietário. "Alguém avisa a polícia, o cara está na minha casa". O áudio com um pedido de ajuda começou a circular, por volta de 9h40, nos grupos de moradores. Depois da denúncia, policiais patrulharam a região, porém não o encontraram.

Ed Alves/CB/D.A Press



Polícias Civis e Militares de Goiás seguem em busca do paradeiro de Wanderson

Os funcionários da fazenda relataram que Wanderson estava com um celular na mão e que o criminoso aparentava cansaço. "Ele estava de camisa vermelha, o tempo todo olhando para baixo, com boné baixo e ficava mexendo no celular. Do lado de fora da estufa, tentou passar a perna para dentro, mas depois desistiu", conta um dos trabalhadores que pediu para não ser identificado.

Com receio, os funcionários relataram que não vão dormir este fim de semana na propriedade. "Vamos para a cidade (área urbana de Mocambinho). Deus queira que peguem ele, mas esses dias não vamos pousar (dormir) aqui", afirmou. A esposa de um dos trabalhadores, Ana Carolina Dias, 21, relata os momentos de medo que vivenciou na manhã de ontem. "Meu marido me ligou falando falar, por volta de 9h40, nos grupos de moradores. Depois da denúncia, policiais patrulharam a região, porém não o encontraram.

atendia mais, porque o sinal daqui é muito ruim de funcionar", conta.

Insegurança

Enquanto o foragido não é encontrado, a população da pequena cidade está aterrorizada. Comerciante e morador da região, João Rodriguez de França, 78, passou a fechar o comércio mais cedo. "Fico cismado quando vejo que o movimento no bar está fraco. Daí, já começo a fechar as portas mais cedo. Tenho medo de uma pessoa desse tipo aparecer. Sou comerciante e preciso tratar as pessoas com jeito, porque não sei quem são."

Divina Braz de Freire, 52 anos, garí e moradora de Mocambinho, conta que o medo entre amigos e familiares virou uma constante. "Todo mundo com medo. Essa noite nem dormi direito. E acho que falta uma viatura da polícia patrulhando a cidade.

A polícia ressalta que a população pode ajudar a encontrar

Wanderson através do número para denúncias anônimas 197 e também pelo WhatsApp (62) 98595-6557.

Histórico

Além do triplo homicídio, o fugitivo é acusado de tentar matar uma mulher a facadas, em 2019, em Goianópolis (GO). O processo tramita no Tribunal de Justiça do Estado de Goiás (TJGO) e a sentença ainda não foi decretada. Nos autos, consta que a tentativa de feminicídio aconteceu em 8 de dezembro de 2019, quando Wanderson chegou em casa sob efeito de drogas e álcool pela manhã. Com uma faca em mãos, o caseiro obrigou a vítima a entrar em um dos quartos da residência com ele. Com a negativa, o agressor desferiu vários golpes contra as costas da mulher. A faca chegou a quebrar e, depois disso, Wanderson fugiu pulando os muros e se escondeu em uma casa próxima.

Ed Alves/CB/D.A Press



João dos Reis é dono da fazenda em Mocambinho onde o foragido foi visto

Palavra do especialista

Welliton Caixeta Maciel, professor de antropologia do direito e pesquisador do Grupo Candango de Criminologia da UnB

Presenciamos, mais uma vez, a atuação das forças de segurança pública oferecendo uma resposta imediata à sociedade a partir da ocorrência de crimes complexos e com alto clamor social por punição exemplar. Mas não nos enganemos: violência não se resolve com violência, tampouco com crueldade midiática, muito menos com ímpeto de vingança. Para tanto, as forças policiais precisam policiar (no sentido de estarem atentas, monitorar) sua atuação também diante do caso de Wanderson Mota para não cair no mito do policial super herói, porém propagador de insegurança e pânico social (como estes que temos observado

nas mídias sociais). Cabe à instituição balizar e orientar a atuação dos seus membros, até mesmo para evitar que incorram em desvirtuamento de competências no exercício de suas funções. Como polícias profissionais, resalto que estas devem pautar sua atuação pelos conhecimentos técnico-especializados. Não cabe ao mandato policial render-se aos caprichos da espetacularização da violência, como foi no caso Lázaro, em uma verdadeira "caçada ao bandido", cuja cabeça se encontrava simbolicamente representada a peso de ouro nas apresentações da população. O papel da sociedade é o de colaborar com o que for possível.

ETAPA DISTRITAL

Correio conquista prêmio Sebrae de Jornalismo

O **Correio** venceu a categoria texto da etapa distrital do 8º Prêmio Sebrae de Jornalismo. A reportagem agraciada foi "Pandemia desencoraja ainda mais jovens nem-nem na busca por emprego", de autoria da estudante e então estagiária do **Correio** Ana Lídia Araújo, publicada no caderno Trabalho & Formação Profissional.

A matéria retrata o aumento da população, durante a pandemia, entre 15 e 29 anos que não trabalha nem estuda. Além disso, essas pessoas, à época, se sentiam desmotivadas a procurar um emprego. "É uma honra muito grande estar entre os premiados desta noite, ainda mais falando de um tema tão importante. Essa matéria exigiu muita

apuração, pesquisa e atenção redobrada porque tinham muitos dados", diz a estudante.

Além de ser a grande vencedora do Distrito Federal na categoria texto, Ana Lídia também levou o segundo lugar com a matéria "A corrida empresarial na pandemia exige reinvenção para superar crise", também publicada no caderno Trabalho & Formação Profissional. Para Jorge Eduardo, um dos jurados da premiação e diretor financeiro da TV Brasília, Rádio JK e Rádio MÍX, os mais difícil foi escolher qual dos dois trabalhos da autora merecia o primeiro lugar.

"Eram duas produções de alta qualidade, textos muito bem acabados e a gente percebia que a finalização desse texto era uma

Arquivo pessoal



Ana Lídia também levou o segundo lugar do prêmio

característica dela. Foram muito bem editados pela editora, que soube fazer o casamento ideal

e trouxe um frescor, um vigor, uma sensação de quem quer ajudar, quem quer trazer para

sociedade uma visão nova, uma visão de apoio", disse o jornalista e também diretor de comunicações das Organizações Paulo Octávio.

Com o término das etapas estaduais e distritais, os vencedores de cada categoria irão concorrer na etapa regional e os classificados participam da etapa nacional, que será celebrada em janeiro de 2022.

Menção honrosa

O **Correio** também conquistou menção honrosa na 38ª edição do Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo com a série de reportagens "Histórias de Consciência", publicada no caderno Trabalho & Formação Profissional entre 8 de novembro e 13 de dezembro de 2020. As seis matérias especiais abordaram os desafios do mercado de trabalho para pessoas negras e foram escritos por Ana Paula

Lisboa, Talita de Souza e Ana Lídia Araújo; na época, subeditora e estagiárias do jornal, respectivamente.

A reportagem que deu início à série, "Empresas perdem talentos negros", mostrou como, por causa do racismo, trabalhadores são prejudicados, enquanto empresas perdem em diversidade, inovação e produtividade. Para Talita de Souza, repórter do site do **Correio**, "o prêmio é um reconhecimento adicional, pois o maior reconhecimento veio de cada um dos que leram, participaram e foram tocados pelo conteúdo" das reportagens.

"Ver a série reconhecida em um prêmio que trata justamente dos direitos humanos é ter a certeza de algo que já sabíamos quando a Ana Sá e a Ana Paula propuseram a série: falar de questões que ferem a sociedade deve estar em pauta nos nossos jornais até que saiam de cena", complementou Talita.